

Condomínio Privê sofre com as chuvas

Tempestades só fizeram aumentar crateras que ameaçam "engolir" casas

No Condomínio Privê, em Ceilândia, água virou sinônimo de destruição. As chuvas fortes que têm atingido o Distrito Federal durante todo o mês de abril completaram o cenário de caos e desordem que domina o local há muitos anos. As enxurradas invadem casas, alagam ruas, arrastam lixo, plantas e árvores e, ainda, contribuem para o aumento de duas crateras, com mais de 20 metros de profundidade, que circundam a área e ameaçam os mais de 12 mil moradores.

Resultado de uma invasão, o condomínio fica às margens da BR-070, logo abaixo do Setor O. Em consequência do desnível do terreno do Privê, em relação às outras áreas da cidade, este tipo de incidente já se tornou corriqueiro no local. Com as chuvas, toda a água pluvial de Ceilândia Norte escorre sem controle pelas ruas e casas do local, provocando estragos e erosões. "Quando chove alaga tudo. A água chega até a linha da cintura. A força com que ela invade as nossas ruas é tanta, que lixo, pedras e o que mais a água encontrar pelo caminho, entram em casa", contou Edina Moreira, 38 anos.

BARREIRAS – Para amenizar os efeitos da enxurrada, os moradores improvisam barreiras nas ruas e em seus lares. "Tiramos o dinheiro da comida para conseguir fazer as obras. Construímos muretas e aumentamos a altura do piso, mas nada adianta", reclama Edina. Além dos estragos nas moradias do

condomínio, a falta de planejamento e infra-estrutura do local está provocando erosões. O Privê fica em uma Área de Proteção Ambiental, pois está localizado na Bacia do Descoberto e abriga várias minas d'água. Como já há uma circulação permanente de água sob a terra, a forma desordenada como a chuva atravessa o local tem um impacto muito grande na natureza.

Além disso, existia uma vala aberta, ao lado da Rua 13, que atravessava o condomínio de ponta a ponta. Nem a Administração Regional de Ceilândia, nem a Secretaria de Obras e nem os moradores sabem explicar a origem do buraco, fechado na semana passada pela administração. O fato é que ele foi feito de modo errado e, enquanto existiu, complicou ainda mais a situação do Privê. "Acho que a idéia era fazer um caminho para que a água da chuva corresse", diz o morador José Ribamar dos Santos, 44 anos.

O problema é que a vala, ao invés de ajudar, criou uma espécie de "corredor" ao longo de toda a Rua 13, o que intensificava a força e o volume da chuva. O resultado de toda essa confusão foi a formação de duas erosões. São crateras com mais de 20 metros de profundidade que, com a agressão gradual das águas, estão aumentando. Atualmente, o buraco está a apenas dez metros das casas que ficam na última rua. "Tenho medo que desabe tudo", disse uma moradora da rua, que não quis se identificar.